

Representações sobre variações da língua inglesa

RESUMO

Este estudo investiga representações de um grupo de internautas sobre o uso de variações não padrões da língua inglesa. Para isso, selecionamos comentários sobre um vídeo em que ocorrem essas variações para observar se elas são dimensionadas como apropriações ou desvios. Buscamos entender também como a ideologia opera nessas representações sobre o uso da língua inglesa. Definimos essa discussão como uma questão de poder, dominação e desigualdade, por isso, optamos por investigá-la pelas lentes da Análise de Discurso Crítica. Os resultados sugerem que esses internautas consideram variações da língua padrão como erro, troços ridículos, que comprometem e depreciam a identidade nacional. São fortes os discursos que condenam como vergonhoso falar inglês dessa forma (desviar-se da norma padrão anglo-americana), bem como os indicativos de inferioridade frente ao falante nativo. Esperamos contribuir para que algumas representações sejam questionadas, instigando visões mais inclusivas da língua inglesa, como meio de comunicação intercultural.

PALAVRAS-CHAVE: Representações. Variações da língua inglesa. Apropriação da língua inglesa.

Jefferson Adriano de Souza
jefferson.souza@ifpr.edu.br
Instituto Federal de Ciência, Educação e
Tecnologia do Paraná, Brasil.

Kelly Cristinna Frigo Nakayama
kelly.frigo@ifpr.edu.br
Instituto Federal de Ciência, Educação e
Tecnologia do Paraná, Brasil.

INTRODUÇÃO

Terminologias como World Englishes (WEs) e English as a Lingua Franca (ELF) procuram dimensionar as transformações, multiplicidade e expansão mundial da língua inglesa, atreladas às questões da globalização. Essas duas formas de nomear a língua (ERLING, 2005; LONGARAY, 2009) resultam de perspectivas teóricas distintas, mas, com aproximações sobre o uso do inglês no mundo em relação a falantes “não nativos”, como os brasileiros.

Posturas, aliançadas ao WEs (PENNYCOOK, 2007; MOITA LOPES, 2008) e ELF (JENKINS, 2000; SEIDLHOFER, 2001), defendem a diversidade linguística e a legitimidade das manifestações identitárias de usuários do inglês, nas mais diferentes culturas. São legítimas as asserções: a língua inglesa pertence a todos os seus usuários (ERLING, 2005); falantes nativos e não nativos são equiparados; a inteligibilidade no uso da língua é mais importante do que a imitação de padrões hegemônicos particulares (JENKINS, 2000); a língua inglesa é independente e livre de associações a uma variedade superior; a aprendizagem e o empoderamento do uso de formas locais são encorajados como expressão de identidades (PARAKRAMA, 1995; CANAGARAJAH, 1999).

Definida como a língua de maior abrangência global na história da humanidade, a língua inglesa representa para a maioria de seus usuários uma língua estrangeira, de contato com outros povos. Apesar da maior parte das interações em inglês não envolver a presença física de falantes nativos, ainda é esmagadora a crença em sua superioridade para decidir o limite entre o (in)correto (SEIDLHOFER, 2001).

Neste artigo, estabelecemos conexão com o posicionamento de Pennycook (2007) e Moita Lopes (2008) que ratificam como positivas as identidades híbridas, nascidas do contato da língua inglesa com outras culturas. Para os autores, homens e mulheres da aldeia global, no contato com essa língua, têm a oportunidade de recriarem suas identidades, apropriando-se localmente dela, resistindo aos discursos hegemônicos e homogeneizadores para exprimir suas idiossincrasias.

Refletindo sobre essa questão, durante pesquisa para preencher dados técnicos sobre alguns vídeos, deparamo-nos com a riqueza de comentários de internautas, deixados logo abaixo dos vídeos assistidos. Esses textos apresentam diversas alterações ideológicas e passionais sobre as personalidades dos vídeos e usos da língua inglesa. Todos possuem comentários contundentes e revelam muito sobre a relação que os brasileiros estabelecem com essa língua.

Pautados na Análise de Discurso Crítica (ADC), questionamos se a representação (forma particular de ver o mundo) de variações, como apropriação da língua inglesa, encontra ecos em um grupo de internautas brasileiros, no encontro/confronto com um vídeo, em que uma celebridade brasileira utiliza variações não padrão dessa língua. Buscamos compreender se essas variações são dimensionadas como apropriações ou desvios. Interessa-nos também entender como a ideologia¹ opera nessas representações que conectam brasileiros ao uso desse idioma.

Acreditamos que o exame do posicionamento desses internautas pode indicar muito sobre a relação que os brasileiros estabelecem com o inglês. Desse modo, ao compreender melhor como nos relacionamos com essa língua, podemos

orientar de forma mais crítica o processo de ensino-aprendizagem do inglês no Brasil.

Dimensionando essa discussão como uma questão de poder, dominação e desigualdade, optamos por investigá-la pelas lentes da ADC. Esperamos contribuir para que representações sejam questionadas, instigando visões inclusivas da língua inglesa como meio de comunicação intercultural. Em perspectiva crítica, entendemos a resistência à hegemonia do padrão de falantes nativos, como forma de promover a valorização de variações, diversidades e apropriação dessa língua por brasileiros, não como mimese, mas recriação.

METODOLOGIA

Esta é uma investigação exploratória, com base em recortes do universo virtual. Para observar representações de brasileiros sobre o uso de variantes não padrão do inglês, selecionamos algumas opiniões de internautas, registradas após a exibição de um vídeo no Youtube. Nesse vídeo, Sabrina Sato² entrevista Cameron Diaz e Tom Cruise, durante a pré-estreia, no Rio de Janeiro do filme – Encontro Explosivo – estrelado pelos atores. A entrevista, gravada ao vivo em 06-07-2011, foi exibida no programa Pânico, da rede TV.

No vídeo, Sabrina lê perguntas em uma ficha, demonstrando certa dificuldade com a pronúncia de algumas palavras. No Youtube, é possível encontrar várias versões, destacando-se três³, com cerca de 230 mil exibições e mais de 200 opiniões. Esse vídeo se revelou significativo porque inicia falando sobre o uso da língua inglesa e a desnecessidade de brasileiros imitarem variações do padrão anglo-Americano.

Escolhemos o vídeo 3 (ver nota), por tratar-se do mais curto (6:54). Nele, Sabrina Sato utiliza variação não padrão da língua inglesa, o que consideramos uma apropriação legítima a seus propósitos comunicativos. Apesar de variações e aproximações com o português, ela consegue se comunicar com inteligibilidade e, sobretudo, sente-se satisfeita com o resultado da comunicação. O objetivo é observar se os internautas validam ou condenam esse uso do inglês e quais representações eles acionam para se posicionar.

Devido à necessidade de recorte, selecionamos oito comentários de internautas sobre esse vídeo. Na seleção dos comentários, tentamos filtrar aqueles que focalizassem o uso da língua e menos a pessoa Sabrina Sato, mas isso se mostrou complicado. Buscamos, então, escolher os que consideramos menos agressivos, embora, o anonimato estimule ofensas. Separamos quatro opiniões positivas e quatro negativas sobre o evento.

Para analisar esses comentários, utilizamos a ADC, focalizando os modos de operação da ideologia e as categorias: avaliação, identificação relacional e representação de atores sociais. Optamos por esse recorte por entendê-lo com mais favorável aos objetivos deste estudo, sobre representação e identidade. O artigo está estruturado em dois momentos: 1) na apresentação da teoria, discutimos conceitos como identidade híbrida, apropriação, visões de identidades de brasileiros em relação ao estrangeiro e conceitos chaves da ADC; 2) na análise, examinamos os oito comentários de internautas e finalizamos com a conclusão.

IDENTIDADES HÍBRIDAS E APROPRIAÇÃO DA LÍNGUA INGLESA

Parakrama (1995) defende a expansão das fronteiras da tolerância linguística, entendendo a utilização de variações da língua inglesa como um projeto de intervenção e confronto de significados e normas hegemônicas, em resistência natural à dominação do padrão Anglo-Americano. Para isso, propõe alargar os padrões para incluir a maior variedade possível, privilegiando significados para além de regras impostas.

Em perspectiva afim, Canagarajah (1999) argumenta que a língua inglesa enraizou-se, profundamente, no solo, cultura e na consciência africana. Todavia, o seu cruzamento com as línguas africanas não permite aos seus usuários serem nenhum, nem outro. Para o autor, ao invés de manter as línguas separadas, o ideal seria apropriar-se da língua inglesa, absorvendo parte de sua estrutura vernácula, como expressão legítima de identidades.

Os sujeitos têm a agência de pensar criticamente e trabalhar alternativas ideológicas que favoreçam o seu empoderamento. A língua inglesa pode ser caminho de repressão e emancipação; seu caráter heterogêneo pode viabilizar diferentes propósitos. Em uma perspectiva de resistência, oferece alternativas para que comunidades à/de margem possam negociar, alterar e se opor às estruturas estabelecidas, reconstruindo e avançando sua cultura, língua e identidades. Por isso, a questão não é rejeitar, mas reconstituir o inglês, tornando o mais ético, inclusivo e democrático (CANAGARAJAH, 1999).

Park e Wee (2008) divisam a apropriação linguística (mistura de linguagens) como recurso para a formação da identidade, revelador da agência cultural, conectada a três avaliações ideológicas, com base em: lealdade, competência e autenticidade. Isto é, apropriação entendida como: 1) deslealdade (traição) à cultura e identidade nacional; 2) (in)competência linguística, em referência à fluência ou proficiência, sustentando identidades (i)legítimas; 3) (in)autêntica, em relação à percepção assumida pelo falante como particular de sua raça, etnia ou outros conhecimentos que o conectem a um grupo específico.

Park e Wee (2008) explicitam como as tentativas de apropriação são avaliadas em diferentes culturas. Na Coreia do Sul, a apropriação do inglês pode representar traição à cultura nacional; na Suíça, aparece como traço de incompetência linguística dos imigrantes, definindo as fronteiras entre suíços (i)legítimos; em Singapura, o inglês figura como instrumento de acesso à ciência e tecnologia do ocidente, mas é inautêntico para exprimir identidades nacionais. Ainda em Singapura, movimentos governamentais lutam para exterminar o *singlish* (variação local do inglês), como expressão inautêntica e prejudicial ao desenvolvimento do país.

Para Park e Wee (2008), a apropriação representa muitas vezes, em mercados unificados (domínio do estado-nação) a deficiência linguística, exclusão, estigmatização, dominação cultural e rejeição à agência de sujeitos. Diferente de mercados autônomos (relativa liberdade junto ao estado-nação), como o artístico, os quais se relacionam à criatividade, inovação, transgressão e resistência. No Brasil, a unificação de escolas de idiomas permite reforçar e disseminar o status de variações padrões do inglês, desvalorizando práticas linguísticas desviantes ou atos de apropriação (SOUZA, 2006).

Apoiando as vozes que defendem a apropriação, Seidlhofer (2001) e Jenkins (2006), ao abordarem o uso contemporâneo do inglês como *Lingua Franca*, assinalam mudanças importantes no desenvolvimento e reconhecimento das variedades dessa língua. Seidlhofer (2001) ressalta que nem todos os aspectos fonológicos e linguísticos comprometem a comunicação. Jenkins (2006) também aponta aspectos, fortemente, marcados no inglês padrão que não comprometem a comunicação, sugerindo que essa aquisição prioriza mais a manutenção de um padrão comercial do que comunicação intercultural, na globalização.

Pennycook (2007) procura conectar o uso da língua inglesa à globalização, promovendo visão que ultrapasse as dimensões do inglês como homogeneização (projetos de destruição e dominação) ou heterogeneidade (diversidade de ingleses). Ele advoga a favor de uma perspectiva de fluxos transculturais que dimensione a expansão do inglês como oportunidade para novas performances, criatividade bilíngue e ingleses híbridos.

A expansão da língua inglesa e seus múltiplos usos representam novas formas de mundialidade, engendrando processos de resistência à homogeneização, reconstrução de línguas, culturas, identidades e apropriações. Isto é, capacidade de transgressão de normas padrões e projetos ideológicos homogeneizadores, como a imposição de variações, reificadas como superiores, legítimas, dignas de imitação.

Em linha semelhante, Moita Lopes (2008) defende a construção de política linguística para explicitar a relação entre linguagem e identidade, a fim de compreender como uma língua franca pode gerar identificação, resistência ou reinvenção social. O autor define esse período da humanidade como híbrido, assim como a língua inglesa é hibridizada, constituída por várias línguas. Atualmente, como língua franca, hibridiza outras línguas, culturas, povos, em contínuo processo de (auto)hibridização.

Para Moita Lopes (2008), as forças contraditórias em relação a essa língua (destruição via homogeneização x oportunidade de comunicação global) precisam considerar também as possibilidades que o inglês oferece de envolver outros discursos sobre o mundo, ampliando capacidades de entender quem somos e podemos ser. É preciso divisar a globalização com foco no interesse de seus falantes, como espaço de heterogeneidade discursiva, no qual as multidões (fluxos humanos globais) possam atuar na construção de alternativas democráticas, deixando de serem dirigidas para dirigirem seus mundos.

Nesse contexto teórico, as variações da língua inglesa, libertas da norma anglo-americanas, ganham relevo e significação; não como expressões linguísticas subalternas, inferiores, bastardas ou ilícitas, mas como língua de fronteira, apropriada para (re)agir na vida social; uma língua com base em histórias locais, não mimese, mas como atuações identitárias únicas e inovadoras. Em outras palavras, novos ingleses para reinventar a vida social, as identidades e o mundo (MOITA LOPES, 2008).

Nessa perspectiva, o uso de variações, em situações comunicativas inteligíveis, tem o valor de performances autênticas, não mais ridicularizadas e estigmatizadas como reflexos de ignorância, inferioridade, mas valorizadas como expressões de identidades locais, que expressam o jeito brasileiro de usar o inglês. Essa apropriação renega a imitação de padrões que não correspondem à nossa realidade e nos mantêm presos a posturas subalternas como usuários dessa língua

que, não pertence mais a um país, cultura ou nação, mas a todos os seus usuários. Logo, o uso do inglês, por Sabrina Sato, pode ser avaliado por seu potencial de comunicação e não como imitação de variações ditas superiores por ideologias de controle.

IDENTIDADES E COMPLEXOS

Em *Crítica da razão tupiniquim*, Roberto Gomes (1994) delinea uma identidade nacional, profundamente, arraigada à idolatria, dependência e apego ao estrangeiro; uma predileção por tudo o que vem de fora. Gomes (1994) associa esse comportamento a uma autocrítica impiedosa e castradora de um povo ainda não liberto da sujeição estrangeira. No íntimo nacional, precisamos ser reconhecidos e aceitos. Por isso, na ilusória tentativa de identificação e reconhecimento, supervalorizamos, idealizamos e copiamos o outro:

[...] os professores são colonizadores da mente de seus alunos. Essa colonização mental é feita quando a cultura da língua estrangeira é apresentada aos alunos de uma perspectiva extremamente favorável, como uma "ilha da fantasia", uma sociedade sem conflito e artificialmente feliz. Tudo é melhor no país estrangeiro. As casas são mais bonitas, as ruas mais limpas, os automóveis andam mais rápido, os filmes têm efeitos especiais mais dramáticos, etc. Escolas, fábricas, rodovias, tudo é melhor lá. Mesmo o Big-Mac do Mac-Donald é considerado por alguns mais saborosos lá do que aqui. Alguns chegam a argumentar que a Coca-Cola americana é mais gostosa que a Coca-Cola brasileira. (LEFFA, 2006, p. 10).

Para Gomes (1994), muitos intelectuais brasileiros assumiram a condição de colonizados, introjetando no imaginário social a dependência financeira, afetiva e intelectual.

Colonizados, por excelência, muitos brasileiros fazem do estrangeiro seu ideal. Assim, esses sujeitos sempre desejaram ser estrangeiros ou não-brasileiros. Por isso, precisam denegar, ironizar e apagar tudo a sua volta e imitar o outro, na cultura, língua, jeito de ser e viver. Por fim, incapazes de ser o que são e de ser o outro, ficam no meio do caminho, sendo pouco ou quase nada. Almejar a identidade desse outro que nos escapa, condena-nos a não ter identidade alguma, pois, o outro tem sobre nós a vantagem de ser ele próprio.

Gomes (1994) define isso como complexo de inferioridade, colonialismo e provincianismo, centrado numa dependência afetiva e intelectual. Desse modo, muitos brasileiros perdem a oportunidade de ser alguma coisa, qualquer coisa. Não, necessariamente, pior ou melhor do que o outro, mas apenas eles próprios. Sempre rejeitando identidades bastardas, inferiores, não estrangeiras, anseiam ser valorizados pelo outro e, nesse desejo, reside a miséria de sua autoconfiança, estabilidade e amor-próprio.

Em gerações recentes encontramos o irresistível desejo de ser norte-americano. Vale aqui um registro quanto ao verdadeiro perfeccionismo que empregamos ao falar uma língua estrangeira. É fácil observarmos que um norte-americano ou europeu costuma falar português com a fluência de quem cospe cascalhos. E não dão a isso a menor importância. São o que são e querem ser o que são. Daí se concluir que falar mal uma língua estrangeira é sinal de amadurecimento cultural. (GOMES, 1994, p. 103)

Precisamos nos descobrir como usuários brasileiros da língua inglesa e não como fantoches do outro que não somos. É preciso uma identidade linguística genuína que reflita o nosso modo de ser e estar no mundo, um jeito próprio, característico e singular de nos comunicarmos em inglês. Para isso, precisamos nos desnudar do medo e anseio de ser o que não somos, para sermos tudo o que podemos ser.

Logo, urge libertar os brasileiros de dois jugos:

- a) o externo, digo, as pressões econômico-culturais, ainda mais avassaladoras com as mídias eletrônicas;
- b) o interno, a introjeção de identidades subalternas, dependentes, assimiladoras de um outro, ideologicamente, superior.

Enquanto reina essa lógica, esses brasileiros são vítimas e algozes de sua opressão. Para silenciar e apagar essas identidades indesejáveis (bastardas), eles utilizam artifício poderoso para amordaçar e controlar atuações sociais desviantes: o riso.

Bergson (2001) compreende o riso como um mecanismo censor que critica, corrige e molda o desviante, visando a enquadrá-lo em parâmetros ideológicos vigentes. O riso, como prática social, censura, reprime e impede; ele inspira medo, mantém o sujeito vigilante para não ser alvo de crítica. Consoante Minois (2003), o riso e a violência estão ligados. O riso agita e estimula o ódio, a vergonha, o sofrimento. O riso social é arma letal para silenciar e desacreditar usuários desviantes da norma padrão, como Sabrina Sato. Quem ridiculariza, inferioriza o outro, demarca espaço social em que não há reconhecimento e aceitação, só julgamento e condenação.

ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA

A ADC é uma abordagem heterogênea e interdisciplinar que investiga o discurso e a linguagem em funcionamento em práticas sociais: como forma de ação/interação (gêneros), representação (discursos) e identificação (estilos) do mundo, de si e do outro. O objetivo dessa abordagem é compreender como a desigualdade social é expressa, constituída e legitimada pelo uso do discurso no exercício de poder (RESENDE, RAMALHO, 2011).

Os discursos representam diferentes perspectivas de mundo, com projetos particulares. Tais representações podem se constituir em instrumentos de luta hegemônica, disseminando perspectivas específicas como universais, superiores, legítimas e aceitáveis. O estilo é definido como marca de identidade, forma pela qual o sujeito identifica a si e os outros.

Na ADC, um aspecto central é a concepção de ideologia como força negativa, conectada a interesses particulares de dominação. Por isso, seu propósito é desvelar os fios ideológicos dessa dominação, desmascarando as representações que sustentam as desigualdades. Com base em Thompson, Resende e Ramalho (2011) enquadram cinco modos de operação da ideologia:

- a) legitimação de dominação (racionalização, universalização, narrativização);
- b) dissimulação de dominação (deslocamento, eufemização, tropo);
- c) unificação de identidade coletiva (padronização, simbolização);
- d) fragmentação de grupos e indivíduos (diferenciação, expurgo);
- e) reificação (naturalização, eternalização, nominalização/passivação).

Dentre as categorias analíticas propostas pela ADC, organizadas por Resende e Ramalho (2011), seleciono duas para analisar os dados:

- a) representação relacional;
- b) avaliação.

A identificação relacional analisa a identidade e identificação de atores sociais. A categoria representacional se refere ao evento e aos atores sociais, explicitando como eles são representados no texto (excluídos/incluídos; ofuscado/enfatizados; representados por atividades ou enunciados). Tais representações podem ser observadas por meio dos julgamentos acerca do que os atores são e fazem no texto, sinalizando implicações ideológicas, ou seja, de exercício de poder e dominação.

Por fim, a avaliação é uma categoria que se relaciona à identificação, definida pelo estilo com os quais observamos as apreciações ou perspectivas do locutor sobre aspectos do mundo. Ela pode se concretizar em traços textuais como: afirmações avaliativas, afirmações como modalidade deonticas, avaliações afetivas e presunções valorativas. Com base nessas categorias, pretendo observar de que forma esses internautas representam os usos do inglês não padrão e como a ideologia opera nessas representações.

REPRESENTAÇÕES DE INTERNAUTAS BRASILEIROS

Os comentários de internautas brasileiros sobre o uso do inglês não padrão concentram espontaneidade, crueza, passionalidade e, para muito além, ideologias, navegando e se disseminando por essa grande teia de informação, conhecimento e hegemonia. No mundo virtual, os internautas gozam de maior liberdade de expressão, anonimato e assunção (desejo autêntico de expressão). Por isso, é difícil ignorar o seu valor para investigar o imaginário social do brasileiro sobre a língua inglesa. Abaixo, apresentamos o quadro com os comentários dos internautas na íntegra.

Quadro 1 - Depoimentos de internautas sobre o vídeo em que Sabrina entrevista Tom Cruise e Cameron Diaz

Positivo	Negativo
<p style="text-align: center;">Internauta 1 - (I1)</p> <p>Poxa pessoal, vocês é que estão sendo burros por não entender que a sacada do programa é justamente colocar diante dessas celebridades uma pessoa que de certa forma até força para falar o mais errado possível o inglês com a finalidade de provocar uma reação inesperada, e é essa reação inusitada que faz da entrevista tão interessante, e que faz o programa tão atraente...</p>	<p style="text-align: center;">Internauta 5 - (I5)</p> <p>Ridiculo este panico, colocam uma pessoa que faz de conta que ã fala ingles, ou mesmo que não fale, que papel ridiculo! Aí fica a imprensa do Brasil mal vista lá fora por ter "reporteres" que não sabem entrevistar, pois não falam o idioma ou falam mal. Eu acho este tipo de abordagem de muito mal gosto, e quanto aos atores americanos são politicos e simpaticos, mas sem dúvidas saíram dali pensando quão mediocres são este tipo de abordagem, coisa que os atores brasileiros dizem, e fazem muito bem!</p>
<p style="text-align: center;">Internauta 2 - (I2)</p> <p>Quanta estupidez, nós vamos aos EUA temos que falar inglês bem, eles vêm ao Brasil e nós que temos que receber bem, nada contra os atores, estou falando desse povo que acha que temos que saber falar inglês e se não soubermos é um absurdo... sem falar que a graça está em ela não saber falar inglês.</p>	<p style="text-align: center;">Internauta 6 - (I6)</p> <p>Pqp o pânico podia parar com essa mania de mandar justamente quem ã sabe inglês pensando q isso vai ter graça, poderia bem mandar alguém q sabe inglês e fazer perguntas engraçadas sem envergonhar essa demente da sabrina q é fã do cara evitando o constrangimento peranta td o brasil, custa fazer isso!! Masterofgods17 1 ano atrás</p>
<p style="text-align: center;">Internauta 3 - (I3)</p> <p>Pq a Sabrina eh burra??? Soh pq ela nao fala ingles? Entao a maioria da populacao brasileira sao um bando de burros!!! Pq quase ninguem aih fala ingles fluente.</p>	<p style="text-align: center;">Internauta 7 - (I7)</p> <p>Mais uma prova ke trabalhar numa emissora nao precisa de inteligencia e sim nao ter vergonha na kara de envergonhar seu paiz e sua nação!! Por isso ke o brazil é visto como um paiz sem cultura!!! ai meu Deus que vergonha disso:({</p>
<p style="text-align: center;">Internauta 4 - (I4)</p> <p>O trabalho dela é fazer papel de sem noção, se fosse pra fazer uma entrevista perfeita com ingles fluente e talz , era melhor ela ir trabalhar no Fantastico. O que faz ser bom é a forma como é feito, muito divertido e é logico que os atores entrevistados sabem que deve ser algum tipo de brincadeira, coisa que muita gente aqui não entende ...</p>	<p style="text-align: center;">Internauta 8 - (I8)</p> <p>Vergonha mesmo com o dinheiro que ela tem trabalhando como reporter poderia bem pagar um professor particular nao ia doer nada. Que saco depois esses gringos ficam falando mal tirando sarro ...rebaixando o Brasil e ninguem sabe porque afee.Eh o e o Pais da bunda mesmu e so isso!</p>

Fonte: elaborado pelos autores.

Na análise dos comentários, observamos o realce da representação e avaliação. O modo como os internautas se referem a outros materializa alterações discursivas. Seus comentários dialogam entre si, em defesa de representações particulares. A forma como Sabrina Sato é representada sinaliza preconceitos e operação da ideologia, em flagrante contraste com os atores norte-americanos. Ressaltamos também as representações sobre: o programa televisivo *Pânico*, o uso do inglês, o Brasil e atores brasileiros. Em virtude, da multiplicidade de caminhos, focamos essa análise na observação das representações sobre uso do inglês e modos de operação da ideologia.

Retomando o contexto do vídeo selecionado, Sabrina Sato está na pré-estreia do filme *Encontro explosivo* para entrevistar Cameron Diaz e Tom Cruise. Durante o vídeo, ela enuncia duas vezes a frase *I don't speak English* e uma vez a frase *I'm studying English*, assumindo a posição de usuária pouco proficiente. No entanto, com a ficha de entrevista em punho, alguns deslizos de pronúncia (*exciting, career, called*), lendo as questões, ela consegue interagir com Cameron Diaz, prender a atenção do ator Tom Cruise e estabelecer comunicação.

Mesmo sem “falar inglês”, Sabrina consegue fazer Tom gargalhar, falar Português e dançar. Por isso, como Sabrina, avaliamos essa interação como bem sucedida. Discordamos da posição de internautas que condenam sua performance como inadequada, vergonhosa e errada. Pensamos que em alguns minutos de entrevista, ela conseguiu ir mais longe do que a maioria dos estudantes, após uma média de sete anos estudando inglês. Em suma, ela promove avanços rumo à construção de um inglês brasileiro; apropria-se da língua, tornando-a menos mimese e estrangeira, estabelece comunicação, constrói novos significados e identidades. Ela rompe o silêncio do colonizado e coloniza o inglês, merecendo ovações e não escárnio.

Todavia, nossa percepção desse evento não encontra eco em nenhum dos internautas. Nos comentários, o uso desse inglês é classificado como: errado, ridículo, denegridor, mal articulado, de mau gosto, engraçado/sem graça, não fluente, vergonhoso, constrangedor. Tal uso representa brincadeira, sinônimo de burrice, ausência de inteligência e cultura. Ele rebaixa o Brasil à posição de “País da bunda... e só isso!” (Internauta 8).

Nenhum dos internautas considera a forma como Sabrina usa a língua inglesa como aceitável, parcialmente adequada ou como apropriação. Todos os internautas são unânimes em afirmar que esse uso é errado: I1 (*...fala o mais errado possível*); I5 (*não falam o idioma ou falam mal*); I2 (*ela não sabe falar inglês*); I3 (*ela não fala inglês*); I6 (*quem não sabe inglês*). Os internautas 7 e 8 argumentam que esse uso envergonha o Brasil, expondo-o ao ridículo frente aos “gringos” como alvo de piada. O I4 é o único que sugere que esse inglês é adequado à finalidade do programa *Pânico* (humorístico) e, por isso, seria apenas uma variação não fluente e engraçada do inglês.

Para organizar as análises desses comentários, dividimos os internautas em três blocos. 1) dois comentários favoráveis a Sabrina; 2) quatro comentários desfavoráveis a Sabrina e ao uso do inglês e 3) dois comentários favoráveis a Sabrina, questionando os outros internautas. Abaixo, citamos trechos desses comentários, em um quadro que identifica o internauta responsável, a representação de Sabrina Sato no comentário e trechos que tratam do uso do inglês não padrão.

Quadro 2 – Representação de Sabrina Sato

Internauta	Representação de Sabrina Sato	Uso do Inglês
I1	<i>Uma pessoa</i>	<i>...que de certa forma até força para falar mais errado possível o inglês.</i>
I4	<i>O trabalho dela Sem noção Ela</i>	<i>... se fosse para fazer uma entrevista perfeita com inglês fluente (...) melhor ela ir trabalhar no Fantástico. ...os atores entrevistados sabem que deve ser algum tipo de brincadeira</i>

Fonte: elaborado pelos autores.

Os internautas I1 e I4 acreditam que o uso do inglês por Sabrina Sato, embora não correto, corresponde à finalidade humorística do programa Pânico. Para o internauta I1, Sabrina dissimula não saber inglês, expressando-se da forma mais errada possível para tornar o quadro engraçado. Na ótica de I4, uma entrevista perfeita com inglês fluente desvirtuaria o caráter humorístico do programa. Ele defende também que esse tipo de abordagem é compreensível para os atores que a entendem como brincadeira. Desse modo, I4 discorda de outros internautas que se preocupam com a imagem do Brasil, povo, imprensa e repórteres brasileiros. As avaliações sobre o uso da língua são negativas (errado, imperfeito, não fluente, brincadeira).

Não é foco dessa análise definir se a hipótese do internauta I1 é verdadeira ou não. Sabrina Sato, ao se comunicar em inglês, faz uso de uma ficha com perguntas, previamente, formuladas. As dificuldades, durante a entrevista, ocorrem na pronúncia e são típicas de quem está aprendendo inglês, mas não comprometem a comunicação, e, por isso, concordamos com a percepção de I4. Em se tratando de uma pré-estreia, havia outros repórteres no local, bem como intérpretes, representando os brasileiros que usam a norma padrão. Pensamos que mais prejudicial para o Brasil e para os brasileiros é a reafirmação de identidades colonizadas, estigmatizadas pela inferioridade frente aos estrangeiros.

No próximo bloco, internautas materializam o discurso de Roberto Gomes (1994) sobre essas identidades colonizadas, angustiadas com exposições que afetam a sua aceitação e reconhecimento frente aos estrangeiros. Os internautas I5, I6, I7 e I8 se dizem envergonhados diante desse uso do inglês, taxando-o ridículo, vergonhoso, sem graça, denegridor para o Brasil e para os brasileiros. Todos avaliam negativamente esse uso do idioma e revelam preocupação com a imagem do Brasil no exterior, diante dessa exposição de ignorância, falta de cultura e inteligência de brasileiros que “não falam ou falam mal” (I5) inglês.

Quadro 3 – Representação de Sabrina Sato

Internauta	Representação de Sabrina Sato	Uso do Inglês
15	<i>Uma pessoa "repórter" Não sabem entrevistar</i>	<i>... que faz de conta que não fala, ou mesmo que não fale... ... que papel ridículo! ... Aí fica a imprensa do Brasil má vista lá fora... ... pois não falam o idioma ou falam mal. ... este tipo de abordagem de muito mal gosto</i>
16	<i>Quem não sabe Essa demente da Sabrina Fã do cara</i>	<i>... justamente quem não sabe inglês, pensando q isso vai ter graça ... alguém q sabe inglês e fazer perguntas engraçadas sem envergonhar Evitando constrangimento perante todo o Brasil</i>
17	<i>Não tem inteligência Não tem vergonha na cara</i>	<i>... não precisa de inteligência e sim não ter vergonha na cara de envergonhar seu país e sua nação!!! Por isso ke o brasil é visto como um país sem cultura Ai meu Deus que vergonha disso :(</i>
18	<i>Ela Repórter</i>	<i>Vergonha mesmo Poderia bem pagar um professor particular não ia doer nada. ...depois esses gringos ficam falando mal tirando sarro ...rebaixando o Brasil e ninguém sabe porque afee. Eh o e o País da bunda mesmu e so isso!</i>

Fonte: elaborado pelos autores.

Os comentários dos internautas 17 e 18 são agressivos e focam sua revolta com a pessoa de em Sabrina Sato. O internauta 17 questiona a inteligência e a dignidade de Sabrina, além da falta de cultura do país, entendida, provavelmente, como a ausência de escolaridade, associada ao desconhecimento do inglês. O internauta 18 sugere a necessidade de Sabrina pagar um professor particular, a fim de falar melhor o inglês padrão e não envergonhar o seu país. Imbuído por discurso machista, 18 utiliza ainda a metáfora “país da bunda” para ilustrar a valorização do corpo, ao invés da mente; a aparência em oposição à inteligência, em específico, associada à capacidade de usar o inglês padrão.

O internauta 18 hostiliza a figura do estrangeiro, representando-os como “gringos” e, ao mesmo tempo, se mostra horrorizados com a possibilidade de ser ridicularizado e rebaixado por “esses gringos”. Esses comentários representam o colonizado ressentido com a opressão e estigma de inferioridade frente ao outro, superior. No entanto, o mesmo esforço em falar perfeitamente o inglês que conota uma postura combativa (igualar-se ao outro em “cultura” e “inteligência” = proficiência), revela também, uma profunda colonização mental. Nesses corpos e vozes, o sentimento de inferioridade, de medo, a necessidade de aceitação e de reconhecimento ainda os governam.

As representações observadas nesses comentários ressaltam que esse uso do inglês é incorreto; proposital/ocasional, burrice/astúcia, engraçado ou sem graça, etc. O certo é que esse inglês é errado. Os comentários lançam holofotes sobre o erro, apagando a interação e comunicação do evento. Assim, facilita-se a ação ideológica a favor de uma variação padrão superior do inglês, capaz de equiparar os brasileiros a falantes nativos dessa língua.

Os processos materiais (evento - uso da LI) e mentais (emoções - vergonha diante do uso desse inglês) prevalecem nesses comentários. Essas representações ofuscam também o fato dessa brasileira não ter obrigação de imitar o inglês dos nativos, em seu próprio país para se comunicar. Pensando nessa legitimidade, a atriz norte-Americana foi acompanhada de intérprete. Atitude que poderia ter sido adotada por Sabrina. Mas, ao contrário, ela se expôs à comunicação e se comunicou, mesmo com dificuldades. Todavia, isso não é mencionado nos comentários e representações acima.

No último bloco de comentários, observamos postura de resistência à hegemonia do inglês, imitação do falante nativo e obrigação de saber essa língua. O internauta I2 questiona a postura subalterna do brasileiro frente à necessidade de falar inglês, mas não qualquer inglês, apenas o padrão, fluente na pronúncia e estruturas, parece interessar a esses brasileiros. Ele considera estupidez a argumentação de que não falar inglês é um absurdo, falta de cultura, inteligência e vergonha. Pensamos que essas reflexões contribuem para uma relação menos colonizada com a língua, oportunizando caminhos de apropriação e construção de novas identidades.

Quadro 4 – Representação de Sabrina Sato

Internauta	Representação de Sabrina Sato	Uso do Inglês
I2	<i>Ela</i>	<i>... nós vamos aos EUA temos que falar inglês bem... ... eles vêm ao Brasil e nós temos que receber bem... ... quanta estupidez (...) estou falando desse povo que acha que temos que saber falar inglês e se não soubermos é um absurdo... ... sem falar que a graça está em ela não saber falar inglês.</i>
I3	<i>Sabrina Burra???</i> <i>Ela</i>	<i>Soh pq ela não fala inglês? Então a maioria da população brasileira são um bando de burros!!! Pq quase ninguém aih fala inglês fluente.</i>

Fonte: elaborado pelos autores.

Finalizamos essa análise com o comentário do internauta I3. Ele questiona a alcunha de burrice de Sabrina Sato, alegando que a grande maioria dos brasileiros não fala inglês fluente e, isso não faz deles mais ou menos burros que os estrangeiros. Pensamos que Sabrina consegue se comunicar em inglês e concordamos com I3 que não se trata de uma variação fluente, contudo, inteligível.

A análise desses comentários sugere que alguns brasileiros não estão interessados em aprender ou falar inglês para se comunicar, mas para se equiparar aos estrangeiros em proficiência. É ainda o complexo de inferioridade, reverberando o desejo de ser o outro. Defendemos que é mais do que questionável mensurar a inteligência e cultura de um povo pela sua capacidade de fazer uso de outra língua, ainda mais se essa língua estiver inundada de ideologias e herança imperialista como o inglês.

Na representação dos atores sociais destacamos a figura de Sabrina Sato, o Brasil, o programa Pânico, a imprensa brasileira, atores brasileiros, outros internautas, etc. Restringimo-nos a pontuar as nomeações de Sabrina, porque ela está no centro dessa discussão, representando a imprensa, os repórteres, a mulher e o brasileiro genérico.

Nos comentários favoráveis (I1, I2, I3 e I4), Sabrina aparece, normalmente, nomeada como “ela”, de forma ativada, pessoal, nomeada e específica. Nos desfavoráveis (I5, I6, I7, I8), aparece, usualmente, de forma ativada, pessoal, específica e classificada com desqualificações. O internauta I5 questiona a identidade de repórter de Sabrina, qualificando-a, genericamente, como pessoas que “não sabem entrevistar”. Esse internauta parece usar, intencionalmente, a grafia inadequada do verbo entrevistar para desqualificar ainda mais Sabrina Sato.

Os internautas I6 e I7 são os mais agressivos, respectivamente, nomeando-a como: “essa demente da Sabrina” e “não tem vergonha na kra”. Ao desqualificá-la, eles legitimam seus argumentos com relação ao uso condenável do inglês não padrão, digno de piada e humilhação para todos os brasileiros. Desse modo, agem para enquadrá-la num ideal de inglês correto, fluente e respeitável.

Para além dessas variações (i)legítimas, observamos que a ideologia age sobre essas representações de muitos modos – legitimação, por meio de racionalização (inglês que envergonha, rebaixa e humilha); universalização (interesses econômicos que lucram com o uso da norma padrão do inglês); dissimulação, por meio de eufemização (atores norte-americanos simpáticos e políticos em oposição a brasileiros medíocres – I5); unificação, por meio da padronização (o padrão de falante é o nativo, inteligente, culto, político, simpático, representado, principalmente, por Tom Cruise).

Há também a fragmentação, por meio de diferenciação (atores norte-americanos x brasileiros; gringos x brasileiros) e expurgo de Sabrina Sato, como identidade que deve ser evitada; reificação, por meio de naturalização (todos brasileiros devem falar inglês correto e não de forma errada como Sabrina) e passivação (foco nos desvios da norma padrão, apagando a interação, comunicação e inteligibilidade no uso da língua inglesa).

Encerramos esta análise parcial dos dados, esperando contribuir para questionar algumas ideologias que se alimentam do corpo e das vozes desses brasileiros para se perpetuar em sociedade, cristalizando atitudes e identidades colonizadas, bastardas e denegadas. Pensamos que as representações e identidades reveladas nos textos de internautas não contribuem para a aprendizagem do inglês, superação de complexos, bem como, para apropriação da língua inglesa no Brasil e construção de identidades híbridas. Elas apenas reforçam ideologias que inculcam o complexo de inferioridade, desigualdade social e hegemonia do ideal estrangeiro, silenciando o Brasil e os brasileiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na análise dos comentários de internautas, observamos que nenhum deles considera o inglês de Sabrina Sato como correto, aceitável, parcialmente adequado ou como uma apropriação legítima. Todos são unânimes em afirmar que é errado. Eles enfatizam os desvios, apagando a interação e inteligibilidade do evento, facilitando a ação ideológica a favor de uma variação padrão superior da língua inglesa, capaz de equiparar brasileiros a falantes nativos de inglês. Disputam nas representações dois discursos: padrão x não padrão (certo/errado; superior/inferior; conhecimento/ignorância).

Esses comentários desnudam a ideia de que muitos brasileiros não estão interessados em aprender ou falar inglês para se comunicar, mas para se equiparar aos estrangeiros em proficiência. É ainda a hegemonia da colonização mental, agindo nesses corpos e vozes; o medo e o complexo de inferioridade, a necessidade de aceitação e reconhecimento, reverberando o desejo de ser o outro. Por isso, acreditamos que mais prejudicial para o desenvolvimento do Brasil e brasileiros é o poder mobilizador dessas identidades colonizadas, estigmatizadas pela inferioridade frente aos estrangeiros.

Concluimos que as redes ideológicas alastram-se sobre esses sujeitos de múltiplos modos. Elas destacam o inglês que envergonha, rebaixa e humilha; dissimulam interesses de grupos que lucram com a norma padrão; enaltecem os estrangeiros, depreciando os brasileiros; expurgam os desviantes e proclamam o padrão do falante nativo, marginalizando outras possibilidades. Contudo, vislumbramos também alguns ecos de resistência frente à força hegemônica do inglês, que podem contribuir para uma relação menos colonizada como essa língua, oportunizando caminhos para a apropriação e construção de novas identidades menos bastardas e mais híbridas.

Representations about english language variations

ABSTRACT

This paper investigates representations of a netizen group on the use of non-standard variations of the English Language. For that, we select comments about a video in which these kind of variations happen to see if they are considered as appropriation or mistakes. We also try to understand how ideology operates on these representations about English Language. We define this discussion as a question of power, domination and inequality, so we investigate them through the lens of Critical Discourse Analysis. The results suggest these netizens consider non-standard variations as mistakes, ridiculous missteps that undermine and debase the national identity. The discourses that condemn as shameful speaking English like that (deviate from Anglo-American standard) are strong, as well as indicative of inferiority compared to native speakers. We hope to contribute so that some representations are questioned, by instigating more inclusive visions of the English Language as a means of intercultural communication.

KEY-WORDS: Representations. English language variations. English language appropriation.

NOTAS

¹ Ideologia entendida como luta hegemônica para sustentar relações de dominação.

² No período, Sabrina Sato era repórter do Programa Pânico da rede TV. Celebridade controversa, construída sobre o estereótipo de aparência e limitação intelectual.

³ Vídeo 1) Pânico na TV 11/07/2010: Sabrina Sato com Tom Cruise e Cameron Diaz (9:41 – exibições: 228,168) Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=qMqFqSVDXb0>> Acesso em: 05-01-2012

Vídeo 2) Sabrina Sato entrevista Tom Cruise em première (10:40 – exibições: 546) Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=Qi7lYadVJGQ>> Acesso em: 05-01-2012

Vídeo 3) Sabrina Sato entrevista Tom Cruise e Cameron Diaz.flv. (6:54 – exibições: 3002)

Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=dOcF9bysG18>> Acesso em: 05-01-2012

REFERÊNCIAS

BERGSON, H. **O riso: ensaio sobre a significação da comicidade**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CANAGARAJAH, A. S. **Resisting linguistic imperialism in English teaching**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

ERLING, E. J. The many names of English: a discussion of the variety of labels given to the language in its worldwide role. **English Today**, v. 21, n. 1, p. 40-44, jan. 2005.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. London; New York: Routledge, 2003.

GOMES, R. **Crítica da razão tupiniquim**. 11. ed. São Paulo: FTD, 1994.

JENKINS, J. **The phonology of English as an international language: new models, new norms, new goals**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

_____. Current perspectives on teaching World English and English as a lingua franca. **TESOL Quarterly**, v. 40, n. 1, 2006.

LEFFA, V. J. Língua estrangeira hegemônica e solidariedade internacional. In: KARWOSKI, Acir Mário; BONI, Valéria de Fátima Carvalho Vaz. (Orgs.). **Tendências contemporâneas no ensino de inglês**. União da Vitória, PR: Kaygangue, 2006, p. 10-25.

LONGARAY, E. A. **Globalização, antiimperialismo e o ensino de inglês na era pós-moderna**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2009. 247p

MINOIS, G. **História do riso e do escárnio**. Tradução de Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: UNESP, 2003.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Inglês e a globalização em uma epistemologia de fronteiras: ideologia linguística para tempos híbridos. **D.E.L.T.A.**, 24:2, 2008, p. 309-340.

PARAKRAMA, A. **De-hegemonizing language standards: learning from (post)colonial Englishes about 'English'**. Houndmills, England: Macmillan, 1995.

PARK, J. S-Y; WEE, L. Appropriating the language of the other: performativity in autonomous and unified markets. **Language & Communication**. 28, 2008, 242-257.

PENNYCOOK, A. Other Englishes. In: _____. **Global Englishes and transcultural flows**. New York: Routledge, 2007. p. 17-35.

PHILLIPSON, R. **Linguistic Imperialism**. OUP, 1992. ch. 3 – Linguistic imperialism: theoretical foundations.

_____. **Voice in global English: unheard chords in Crystal loud and clear**. Applied Linguistics, v. 20, n. 2, p. 265-276, 1999

RAMALHO, V.; RESENDE, V. de M. **Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

SEIDLHOFER, B. **Closing a conceptual gap: the case for a description of English as a língua franca**. International Journal of Applied Linguistics. v. 11, n. 2, 2001, 133-158.

SOUZA, J. A. de. O pomo de ouro: adorno, saber e poder no ensino de língua estrangeira. In: **I Congresso Nacional de Linguagens em interação - CONALI**, 2006, Maringá.

Recebido: 30 out. 2015

Aprovado: 10 mai. 2019

DOI: 10.3895/rl.v21n33.3283

Como citar: SOUSA, Jefferson Adriano de; NAKAYAMA, Kelly Cristinna Frigo. Representações sobre variações da língua inglesa. *R. Letras*, Curitiba, v. 219, n. 33 p. 80-98, jan./ jun. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

